



## **Métodos Quantitativos na produção de conhecimento sobre jornalismo: abordagem alternativa ao fetichismo dos números e ao debate com qualitativistas<sup>1</sup>**

Emerson Urizzi CERVI<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR

Ana Paula HEDLER

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR

### **Resumo**

O trabalho apresenta uma discussão a respeito do uso dos métodos quantitativos nas análises da produção jornalísticas e, por consequência, como subsídio para a produção de conhecimento teórico partindo da premissa científica de que todo novo saber precisa estar ancorado em elementos da realidade material.. O artigo é dividido em duas partes: na primeira apresenta uma definição do que são e para que servem os métodos quantitativos para, em seguida, fazer uma análise sobre o uso integrados dos métodos quantitativos e qualitativos na pesquisa em produção jornalística.

**Palavras-chave:** Produção jornalística; pesquisa aplicada; métodos quantitativos

### **1. Introdução**

Este texto tem o objetivo de discutir o papel dos métodos quantitativos como ferramenta de pesquisa no campo do jornalismo. O argumento central é que o quantitativismo tem seu lugar na ciência da comunicação por se tratar de um conjunto de técnicas de pesquisa social e análise que, ao ser bem aplicado, permite relacionar descobertas sobre padrões de comportamento dos produtores e da produção jornalística com implicações nas teorias já existentes. Para isso, é preciso evitar duas armadilhas principais. A primeira: excesso de quantitativismo, que não raras vezes transforma a ferramenta estatística, que deveria servir como forma de acesso à realidade, em finalidade última da pesquisa. A segunda: debate estéril entre quantitativistas e qualitativistas que procura, indefinidamente, identificar a melhor técnica de pesquisa entre as duas. Da forma como se dá normalmente, esse debate não produzirá nenhum

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo (DT 1 – Jornalismo) no IX Encontro de Grupos de Pesquisa em Comunicação, do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2009.

<sup>2</sup> Emerson Urizzi Cervi é jornalista e doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); professor adjunto do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e-mail: [eucervi@uepg.br](mailto:eucervi@uepg.br). Ana Paula Hedler é jornalista e mestrando em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), e-mail: [ana\\_hedler@hotmail.com](mailto:ana_hedler@hotmail.com).



resultado relevante porque desconsidera solenemente que os métodos de pesquisa só existem em função de um objeto de análise específico, sem o que perdem qualquer sentido. Assim, dependendo do objeto e objetivos do estudo, um dos métodos se mostrará mais adequado que o outro.

O texto está dividido em duas partes principais. Na primeira são apresentados os debates conceituais que definem o conceito e caracterizam os métodos quantitativos, em especial no que diz respeito às ciências sociais como um todo e ao jornalismo, especificamente. Para isso, mostra-se a relação entre cada uma das etapas da pesquisa científica e faz-se uma breve comparação entre as características de cada uma das três principais estratégias de pesquisa: qualitativa, comparativa e quantitativa. A segunda é destinada a um tratamento aplicado do quantitativismo, descrevendo as principais técnicas de coleta de dados e análises empíricas relacionadas a essa ferramenta e sua aplicação aos estudos da comunicação.

## **2. Só se quantifica o que se sabe que existe**

Normalmente, costuma-se estabelecer o espaço específico da pesquisa quantitativa como aquele em que se busca contar e medir características dos fatos sociais; enquanto que por outro lado, os métodos qualitativos serviriam para classificar as características do objeto de análise. A principal limitação desse tipo de distinção está na impossibilidade de aplicá-la na prática. Considerando o status atual da pesquisa científica, baseada na síntese entre racionalismo e empirismo, torna-se impossível quantificar, contar ou medir qualquer coisa da qual não se tenha uma classificação ou definição compartilhada a respeito das características medidas. Da mesma forma, qualquer classificação só é válida quando permite a distinção entre diferentes quantidades. Portanto, fazer pesquisa científica exclusivamente em termos quantitativos ou qualitativos, segundo os termos apresentados acima, transforma-se em algo pouco factível.

Prefiro ressaltar que os métodos quantitativos incluem uma série de técnicas de pesquisa que têm como principal finalidade a medição de quantidades e quantificação de qualidades. Para definir se essa técnica deve ou não ser utilizada em pesquisas, é preciso, antes, delimitar o objeto do trabalho. Em outras palavras, o objeto a ser analisado é que determina se as técnicas quantitativas são ou não as mais adequadas. A pesquisa quantitativa deve ser usada quando o que se quer medir no objeto pesquisado já é conhecido (GALERA e CONDE, 2005). Por exemplo: quantidade de produção



jornalística sobre determinado tema ou em dado formato, por veículos de comunicação. Para Galera e Conde (2005) a perspectiva quantitativa é empírica e pode estar baseada em dados já dados ou naqueles que se obtém durante a investigação. Além disso, as autoras afirmam que a análise quantitativa tem sua expressão mais comum nas pesquisas de enquetes e de sondagens de acontecimentos nos quais se quer obter um conhecimento mais completo quanto for possível.

Se não for esse o caso do estudo, é recomendável o uso de técnicas qualitativas, que são mais adequadas para análises exploratórias de objetos pesquisados. Assim, evita-se a discussão e polêmica histórica entre quantitativistas e qualitativistas. Os métodos quantitativos são apropriados para estudar características do objeto pesquisa que, sabe-se, existem – como no caso do exemplo acima, a teoria do jornalismo já definiu formatos e temáticas segundo critérios de noticiabilidade. Ao passo que os métodos qualitativos devem ser usados quando a pesquisa busca entender características do objeto que não se sabe se existem. Além disso, o método qualitativo traz informações sobre os fenômenos sociais de maneira mais rica e aprofundada que não é possível de se obter apenas com a análise quantitativa. Nesse ponto de vista, a realidade social para o método qualitativo tem significados compartilhados intersubjetivamente que se expressam e se constituem na realidade (GALERA e CONDE, 2005).

Sendo assim, o que determina o predomínio dos métodos a serem utilizados é o objetivo principal da pesquisa e o grau de conhecimento prévio que já exista a respeito do objeto em análise (GALERA e CONDE, 2005). Evidente que esta opção não significa que as metodologias devam ter suas características confundidas. Pelo contrário. Por princípio pode-se definir que a pesquisa quantitativa caracteriza-se como uma forma de explicação causal a partir de uma predição linear, enquanto a qualitativa busca uma compreensão estruturalista a partir de uma predição formal (CONDE, 2005). Como o objetivo deste texto é apresentar uma discussão sobre as características dos métodos quantitativos, passamos a discutir o que consideramos fundamentalmente explicações causais e preditivas lineares.

Dadas as características relatadas acima, a perspectiva mais comum das pesquisas quantitativas é empírica em busca da descrição objetiva de dados da realidade<sup>3</sup>. Para análise empírica podem ser quantificados dados secundários sobre a realidade, quando eles já estão disponíveis; ou a partir de dados primários, que surgem

---

<sup>3</sup> Vem daí a relação que vários autores fazem da pesquisa quantitativa com o positivismo de Auguste Comte e com o neopositivismo do Círculo de Viena (HERSCOVITZ, 2007).



da própria ação de pesquisa. Invariavelmente, quantitativistas consideram que os fenômenos sociais, entre eles a produção jornalística, podem ser explicados a partir da representação deles em números, usados em análises que permitem generalizações, indicação de relações de causalidade e, como consequência, para validação ou rejeição de teorias. Tudo isso é feito através da contrastação.<sup>4</sup> Para tanto, as técnicas mais comuns usadas pelos pesquisadores para coleta de informações da realidade são a realização de pesquisas por aplicação de questionários e a partir de fontes de dados primários estatísticos. Esse tipo de pesquisa tem como principais objetivos, portanto, a descrição das quantidades de características de determinada população (por exemplo, um conjunto de notícias ou de jornalistas), o estabelecimento de relações causais entre variáveis já conhecidas (por exemplo, volume de notícias sobre economia e perfil do público potencial) e a realização de inferências a partir de resultados obtidos em amostras representativas de populações mais amplas (por exemplo, a produção jornalística que segue canais de rotina tende a limitar o número e enquadramento de temas abordados nos noticiários). Para tanto, torna-se indispensável ao início do trabalho quantitativo a utilização de alguns conjuntos de medidas, como as de tendência central e de dispersão; assim como as análises bivariadas e multivariadas entre diferentes características dos integrantes da população.

A partir do “instrumental” básico descrito acima, pesquisadores quantitativistas produzem representações de fatos relevantes da vida social. Mas é preciso considerar que os cientistas não são os únicos a produzirem esse tipo de representação – nem os únicos a usarem os instrumentos quantitativos. Profissionais de outras áreas, por exemplo, do jornalismo ou da produção literária também estudam e produzem representações sobre a vida social. De diferentes maneiras, ou através de múltiplas técnicas, pesquisadores das mais diversas áreas reconstróem eventos históricos importantes, identificam padrões de comportamento ou mapeiam formas de organização do cotidiano social.

O que diferencia a pesquisa científica da atividade jornalística seria basicamente o público que cada uma dessas áreas de representação da sociedade pretende atingir e não, necessariamente, os instrumentos utilizados para a coleta de informações da realidade (RAGIN, 1994). Avançando nesse mesmo sentido, o que distancia os quantitativistas dos qualitativistas não passa, muitas vezes, das demandas mais

---

<sup>4</sup> Considerado aqui como ato de se contrapor.



imediatas dos públicos a que se destinam as pesquisas que utilizam essas técnicas. Partindo do argumento de Ragin, enquanto o jornalista consegue divulgar seu trabalho a grandes públicos, o cientista social escreve principalmente para outros cientistas – o que não significa que os resultados de sua pesquisa não possam ser divulgados para o grande público. A publicização de resultados ou descobertas de pesquisas científicas pelos meios de comunicação apenas reforça o fato de que o jornalismo e a pesquisa social têm por objetivo criar e divulgar representações sociais, porém, para públicos iniciais distintos.

Ao se dirigir ao grande público, o jornalista tem dificuldade em tratar do método utilizado para produzir determinada representação. Como a ciência social dirige-se principalmente aos próprios cientistas, ela pode apresentar e discutir também o método de abordagem dos dados sobre a realidade social. Sendo assim, o “público” dos meios científicos espera ao mesmo tempo em que tem acesso às conclusões da pesquisa, localizar um fenômeno socialmente significativo – através dos dados - e identificar uma teoria social ligada direta ou indiretamente ao tema pesquisa. Nem sempre a comunidade científica como um todo tem condições de avaliar diferentes ferramentas metodológicas utilizadas na pesquisa social – principalmente porque discutir o método não é objetivo final da grande maioria dos pesquisadores. Falando sobre uma das metas do cientista social ao divulgar os resultados de seu trabalho ao público especializado Ragin afirma que “quando sua audiência primária é formada por cientistas sociais e outros profissionais, eles enfatizam, entre outras coisas, aspectos técnicos de suas pesquisas e o posicionamento dela em uma literatura específica sobre a pesquisa – isto é, em relação ao trabalho de outros cientistas que têm pesquisado tópicos similares” (RAGIN, 1994 p. 22). Trata-se não apenas de falar sobre resultados, mas, ao mesmo tempo, defender uma forma específica de chegar até eles.

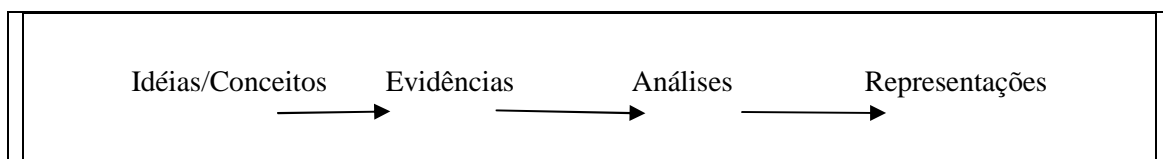
De forma complementar, Morris Rosenberg (1971) afirma que o valor de um instrumento de pesquisa reside naquilo que se pode apreender com sua utilização. “Todo cientista busca chegar a generalizações teóricas significativas sobre a natureza da vida social” (ROSENBERG, 1971 p. 16). O ganho do método científico em relação às demais formas de representação social surge daí. Por se destinar principalmente a uma comunidade específica - a acadêmica - cada pesquisa social individual tem pouco valor, mas ao agregar-se a um conjunto de trabalhos científicos que compartilham os mesmos instrumentos metodológicos é possível fornecer informações mais ricas e completas do que qualquer outra forma de representação. Nos termos apresentados por Imre Lakatos

(1989), há uma distinção entre pesquisa isolada e que não é capaz de produzir grandes “achados” científicos e o que ele chama de “programa de pesquisa”, que é formado por um núcleo central e um cinturão de proteção. Para que haja um diálogo entre pesquisas isoladas visando à formação de um programa de pesquisa é necessário, antes, uma linguagem comum – em especial do ponto de vista metodológico – entre os pesquisadores (LAKATOS, 1989).

Outro ponto relevante a se destacar na discussão sobre o uso de métodos quantitativos na pesquisa em jornalismo é que assim como as demais técnicas empíricas, ele também necessita de um diálogo entre as idéias e as evidências. Diálogo este que é necessário para o método científico como um todo, pois entende-se este como um processo baseado na observação e na experimentação que parte de um exame da bibliografia sobre o objeto, de um marco referencial conceitual, de um enfoque e da instrumentalização utilizada na análise dos dados (BISQUERRA, SARRIERA E MARTINEZ, 2004).

O resultado da relação entre conceitos e evidências da realidade forma uma representação social da realidade. Essa representação será inovadora e permitirá um avanço real da ciência quanto mais qualidade houver no “programa de pesquisa” que lhe deu origem. Porém, como a realidade que os cientistas buscam representar é multifacetada e complexa, torna-se necessário fazer um recorte, selecionando apenas alguns aspectos dela como objeto de atenção da pesquisa. Em termos quantitativos, trata-se de medir e contar à exaustão alguns aspectos da realidade – o que significa ser impossível exaurir toda realidade em pesquisas isoladas. Na pesquisa quantitativa, as etapas para transição do mundo das idéias para o das “coisas” materiais é similar às das demais metodologias empíricas. Como registrado no quadro 1 abaixo, parte-se dos conceitos para fazer as análises da realidade selecionada a partir de evidências coletadas empiricamente. Como resultado, tem-se um novo conjunto de representações e imagens a respeito do objeto pesquisado.

**Quadro 1 – Etapas da pesquisa científica empírica**





As idéias e conceitos que servem de premissa para a pesquisa empírica são resultados de transmissões intergeracionais de pesquisadores. A partir delas os cientistas buscam novas informações através da coleta de evidências da realidade. Como existe uma quase-infinitude de informações possíveis de serem captadas da realidade, as técnicas de pesquisa selecionadas ajudam a delimitar o campo de trabalho. Quando se opta por técnicas relativas aos métodos quantitativos, sabe-se que as evidências relacionam-se a características já conhecidas minimamente e que podem ser contadas ou medidas. Por fim, as análises das evidências selecionadas e tratadas a partir das “ferramentas” de pesquisa disponíveis permitem a criação de novas representações da realidade, ou seja, faz com que sejam incorporadas explicações a respeito do objeto de interesse delimitado pelo pesquisador.

Pode-se afirmar, então, que a pesquisa empírica é obrigada a selecionar, através do recorte, alguns aspectos de uma realidade (quase infinita) que deverá ser submetido às análises científicas. Por isso, “não se costuma trabalhar com toda a população, mas com uma amostra representativa, sobre a qual se realiza a coleta de dados” (BISQUERRA, SARRIERA E MARTÍNEZ, 2004). O passo seguinte é o tratamento das evidências, que está relacionado às técnicas escolhidas ou disponíveis para a etapa analítica. Apesar da complexidade da vida social, há uma ordem que faz com que as pessoas identifiquem situações familiares. Nas palavras de Max Weber (2001) “a ciência social que pretendemos exercitar é uma ciência da realidade. Procuramos entender na realidade o que está ao nosso redor, e na qual nos encontramos situados, aquilo que ela tem de específico”. (Weber, 2001 p. 124). A identificação de regularidades é a principal meta do cientista que opta por trabalhar com métodos quantitativos. Existem outras metas secundárias que ajudam a alcançar essa principal.

Como a realidade é multifacetada, a pesquisa também será, pois só assim apresenta condições de retratar múltiplos padrões sociais. O próprio Weber, em uma apresentação feita durante o Primeiro Congresso da Associação Alemã de Sociologia, em 1910, tratou da importância em se pesquisar o impacto dos jornais na vida social e propunha ele “(...) devemos orientar a investigação sobre a imprensa no seguinte sentido: (...) o que aporta a imprensa à conformação do homem moderno? Que deslocamentos produz nele? Que novas atitudes são destruídas para sempre? (...)”, para logo em seguida responder: “(...) onde está esse material para o início de tais pesquisas? Ele é constituído pelos próprios jornais. Teremos que começar, de forma totalmente trivial, a medir com tesoura e compasso, como foi se transformando o conteúdo dos



jornais em seu *aspecto quantitativo*” (2005). Como se vê, o apelo ao uso de métodos quantitativos na pesquisa em jornalismo não é recente.

Dentre os principais objetivos da pesquisa científica empírica, podemos destacar a identificação de padrões gerais dos elementos integrantes da realidade e as relações que existem entre eles - como proposto acima por Weber. Conhecer padrões permite identificar, entre outras coisas, casos atípicos - o que resulta na possibilidade de comparação. Como a pesquisa produtiva é um diálogo entre pesquisadores, permite o surgimento de novas idéias que modificam a forma de representar a realidade, levando a um refinamento das teorias já existente, que é outro objetivo importante da pesquisa empírica em jornalismo.

As predições a partir da descrição de determinados aspectos da realidade, outra meta da pesquisa científica, estão baseadas nos testes de hipóteses em relação a determinado conjunto de dados. Considerando que a descrição permite relacionar os comportamentos entre duas variáveis da realidade, quando se altera uma delas é possível identificar efeitos possíveis e prováveis no comportamento da outra variável, mesmo antes de acontecer. Porém, as predições no campo do jornalismo podem apresentar limites de precisão, mesmo que sejam utilizadas as mais avançadas técnicas de medição e contagem dos aspectos dos fatos sociais. Explorar a diversidade da produção e efeitos do jornalismo, identificando padrões e diferenças nas relações entre eles, permitirá criar uma representação.

Sendo assim, a pesquisa quantitativa permite, através de resultados vinculados a programas de pesquisa, avançar em novas teorias. Para isso, é preciso que as idéias sejam elaboradas de maneira atualizada, sendo da interação entre idéias e evidência que surge uma descrição com bases teóricas. Para alcançar essas metas existem, além das técnicas quantitativas, outras duas: comparativa e qualitativa. Dependendo do tipo de objeto a ser pesquisado e das metas a serem alcançadas, o pesquisador deve optar por uma delas como instrumento de análise. O quadro 2, abaixo, adaptado de Ragin (1994) resume as principais características dos métodos, considerando a relação deles com o universo (parcela do mundo) que se pretende estudar; o número de variáveis (características dos integrantes) a serem pesquisadas; e objetivos gerais da pesquisa (a que as análises pretendem remeter).



### Quadro 2 – Comparação entre métodos de pesquisa social empírica

ESTRATÉGIAS	UNIVERSO PESQUISADO	VARIÁVEIS ANALISADAS	OBJETIVOS
Método qualitativo	Pequeno	Muitas	Examinar detalhes
Método comparativo	Médio	Número moderado	Comparar características
Método quantitativo	Grande	Poucas	Identificar padrões

Adaptado de Ragin (1994) pelo autor.

Cada uma das estratégias metodológicas apresentadas acima permite um tratamento específico da realidade, que está relacionado a determinados objetivos. O método qualitativo é usado em estudos de comunidades com o objetivo de examinar casos específicos ou detalhes. Em alguns casos essa estratégia de pesquisa parece não ser científica por não permitir o estabelecimento de grandes regras. Mas é preciso entender que este não é o objetivo da estratégia qualitativa de análise da realidade. O que se espera nesse tipo de trabalho é o exame de casos específicos, pois na construção de grandes representações sociais perdem-se os detalhes. Com o método comparativo, o objetivo é estudar diversidades. Essa estratégia permite o exame de padrões de diferenças e similaridades em um número moderado de casos – maior que o da pesquisa qualitativa e menor que o da quantitativa. A diferença em relação à pesquisa qualitativa é que o estudo comparado permite identificar casos padrões em diferentes comunidades, enquanto o método qualitativo estuda as características dos casos no interior de uma comunidade. O método comparativo é usado em estudos de configurações, ou seja, a combinação específica de atributos comuns em um dado número de casos. Para Galera e Conde (2005, p. 29) “o método comparativo é uma consequência da consciência da diversidade: a variedade de formas e processos, de estruturas e comportamentos sociais, tanto no espaço quanto no tempo”. Além disso, estuda-se simultaneamente mais de dois objetos que tenham algo em comum.

Por oposição, a estratégia a quantitativa aplica-se quando o objetivo da pesquisa é definir padrões e identificar relações entre muitos casos. Se a metodologia quantitativa for aplicada a um número reduzido de casos, a representação será distorcida por não haver um universo mínimo que garanta a representatividade e, por consequência, gerará problemas para a análise inferencial. A meta dessa estratégia é identificar padrões gerais e relações entre eles – as chamadas covariações, correlações e, em alguns casos, relações deterministas –, testar teorias e fazer previsões. Em relação às estratégias anteriores, a quantitativa aplica-se quando se quer pesquisar um grande número de indivíduos, analisando poucas características deles. Como aqui é preciso conhecer pelo



menos superficialmente as características que se pretende estudar de maneira antecipada, essa distinção a partir de Ragin (1994) reforça que a distinção entre estratégias dá-se pelo nível de informação prévia em relação ao que se pretende estudar.

A pesquisa social quantitativa pode ser definida como uma das formas de representação de fenômenos significativos a partir de um conjunto de técnicas que permite medir e contar os padrões e relações entre as características do objeto de pesquisa. As diferenças entre as três estratégias de pesquisa dão-se no tamanho do universo analisado, no número de variáveis envolvidas em cada pesquisa e nos objetivos a que cada uma pode cumprir. Nesse sentido, nenhum cientista, inclusive quantitativistas, pode esquecer que antes do acesso à realidade existe a etapa das idéias.

### **3. Para que serve o quantitativismo?**

Assim como toda pesquisa empírica, a operação lógica é mais importante que a operação matemática nos métodos quantitativos. A matemática, mais especificamente a estatística, é uma linguagem eficiente para a descrição das operações lógicas necessárias à análise dos dados da realidade (BABBIE, 2005). O que justifica a utilização de instrumentos estatísticos e matemáticos na pesquisa quantitativa é que eles permitem reduzir uma grande massa de informações a alguns indicadores que são capazes de representar as principais características do objeto analisado. A partir dessa linguagem é possível medir quantidades de uma mesma característica ou fazer associações entre características distintas com distribuições de frequências conjuntas. Uma das principais fontes de equívocos das críticas aos métodos quantitativos está na inversão da relação que se faz entre as ferramentas matemáticas e estatísticas e os objetivos mais amplos da pesquisa empírica quantitativa.

De fato, o que merece críticas é a produção de resultados matemáticos, indicadores e o estabelecimento de relações estatisticamente significativas entre variáveis desprovidas de análise e contextualização para produzir novas representações da realidade. Porém, é preciso reconhecer que esse tipo de pesquisa estéril, que não consegue relacionar resultados obtidos a partir do uso de instrumentos científicos com a realidade não é exclusividade dos métodos quantitativos. Com qualquer estratégia metodológica se pode abstrair da realidade conclusões factíveis de análises subjetivas, mesmo em trabalhos com poucas características de pequenas comunidades. Para evitar resultados estéreis em pesquisas quantitativas, apresenta-se a seguir uma sumarização



de finalidades que o pesquisador deve levar em consideração no uso de técnicas de pesquisa para análises e conclusões a respeito da realidade social a ser representada.

A primeira delas diz respeito às concepções para *explicar possíveis causas*. Através desse critério, o pesquisador usa os métodos quantitativos para medir os efeitos possíveis de determinadas variáveis, chamadas de independentes, em outras, denominadas de dependentes. Busca-se aqui identificar, pela teoria probabilística, possíveis correlações e até mesmo relação de causa e efeito entre dois ou mais fenômenos que podem ser identificados, contados e medidos. Isso pode ser feito de duas formas: ou pela análise de resultados de experiência controlada ou pelos estudos observacionais. O uso de instrumentos estatísticos tem a finalidade de tentar reproduzir, pelo menos em parte, as análises de resultados de experiências controladas em contextos de pesquisas observacionais. Pretende-se identificar causas que afetam, aumentando ou diminuindo, valores de características de grandes populações pela correlação ou medição de causalidade entre variáveis. A questão central a se estudar, de acordo com este critério é a relação de causa e efeito a partir de possíveis explicações palpáveis e não encontrar todas as respostas possíveis para determinado comportamento social. Trata-se de buscar uma explicação de efeito médio de uma ou mais causas para determinado comportamento identificável.

Outra finalidade da pesquisa quantitativa deve ser prestar explicações multivariadas, demonstrando *que elementos da realidade não têm relevância para a determinação de causas e efeitos* dos fenômenos. O pesquisador precisa ter em mente que em se tratando do campo jornalístico é impossível explicar comportamentos a partir de cadeias causais simples. Da mesma forma como existem causas indiretas, aditivas ou ocasionais por interação entre os elementos do mundo social, também há variáveis que só apresentam relação com determinado efeito quando agregadas a outras. Muitas vezes um grande número de efeitos implícitos é encontrado para a explicação de determinados efeitos. Da mesma forma que se identificam as limitações dos modelos causais univariados, percebe-se também uma presença de variáveis com efeitos causais comuns somando-se para explicar determinado fenômeno. Para a explicação científica da realidade isso não traz ganhos. Pode, no máximo, melhorar o desempenho dos resultados de alguns testes estatísticos utilizados como instrumentos para a análise do pesquisador. Nesse caso, há um sério risco de transformação dos dados estatísticos, que deveriam ser “meio” para se produzirem análises relevantes do mundo social, em “fim”, o que pode ser chamado em “fetichismo estatístico”. Quando a obtenção de um modelo

mais adequado estatisticamente se sobrepõe à análise contextualizada dos fenômenos sociais que dão substância à estatística aplicada, temos um problema de finalidade do pesquisador e não da técnica utilizada para produzir pesquisa científica. Responsabilizar o instrumento quantitativo por possíveis desvios de finalidade da pesquisa é o mesmo que culpar o pincel e as tintas por um quadro de qualidade artística duvidosa.

Uma terceira finalidade é a *generalização dos resultados*. Para isso, os métodos quantitativos costumam adotar grandes populações para maximizar a força dos resultados estatísticos de generalização e, com isso, incentivam uma compreensão mais ampla do espaço social já retratado nas teorias. Some-se a isso a heterogeneidade causal nas pesquisas empíricas sobre as sociedades e tem como resultados diferentes objetivos para as generalizações. As grandes populações podem servir para estimar o efeito médio de uma ou algumas variáveis sobre determinado fenômeno, assim como a exclusão de variáveis associadas à explicação total. Seguindo essa finalidade da pesquisa quantitativa, variáveis importantes apenas para um pequeno subconjunto de casos podem ser desconsideradas ou transformadas em termo de erro. Para evitar esse tipo de “desvio”, os pesquisadores quantitativistas precisam se preocupar em selecionar casos a serem estudados, sem levar em conta o peso individual de cada um deles na variável dependente<sup>5</sup>. A seleção de casos pelo seu valor individual na característica que se quer estudar resulta em viés estatístico e impossibilita qualquer descrição mais objetiva da realidade estudada. Para evitar isso, quantitativistas usam sempre que possível a seleção de casos aleatórios, pelo menos no que diz respeito às variáveis a serem pesquisadas.

Por fim, a última finalidade a ser apontada aqui é a que trata da definição de *medida empírica relacionada a um conceito teórico*. Como todas as demais pesquisas, as que utilizam os métodos quantitativos também parte de conceitos teóricos e precisam transformá-los em indicadores empíricos. Com isso, é possível que exista um conflito entre os modelos teóricos prescritivos e resultados dos modelos estatísticos, cujos resultados mostram-se incompatíveis com as idéias/conceitos apropriados para dar início à pesquisa. As duas maneiras mais utilizadas pelos quantitativistas para resolver essa incongruência, quando ocorre, é tratar como erro os fatores causais não-sistemáticos que geraram viés nos resultados empíricos, o que garante a manutenção da capacidade explicativa modelo teórico anterior. A outra forma é considerar o erro como uma ocorrência verdadeira da realidade, porém, como a atenção principal direciona-se

---

<sup>5</sup> Nesse sentido a pesquisa qualitativa é diametralmente oposta.

para o centro dos indicadores, esse fator de erro pode ser considerado como um novo indicador, até então não identificado pela ciência. Assim, pode ser agregado à teoria e conceitos anteriores, permitindo não apenas a preservação deles, mas também a atualização. Por estes dois motivos é que na pesquisa quantitativa a falha de um modelo teórico, quando usado para explicar casos particulares, não é um problema tão grande, visto que muitos fatores idiossincráticos podem influenciar casos particulares. Quando esses fatores não são importantes para uma teoria geral, que explique o conjunto de fenômenos de grandes populações, não devem ser considerados pelos métodos quantitativos. Assim como a exclusão ou não-tratamento analítico das características específicas não altera ou enviesas as estimativas para as variáveis mais gerais do modelo Mahoney e Goertz (2006).

Dentre as técnicas mais usadas na pesquisa quantitativa, encontram-se: 1) experimento de campo, 2) pesquisa descritiva e 3) pesquisa exploratória. O experimento de campo, como o próprio nome indica, é a técnica presente em estudos onde o pesquisador promove alguma alteração intencional no objeto de análise – de maneira direta ou indireta – para, a partir dessa mudança, medir os padrões de comportamento e de relação entre diferentes variáveis. A pesquisa descritiva, por sua vez, utiliza-se de uma série de informações coletadas em uma grande massa de variáveis e reduzidas a indicadores representativos da dinâmica social, para descrever como os fenômenos acontecem. O estudo de caso é um tipo específico de pesquisa descritiva que visa encontrar o maior número de explicações e as descrições mais abrangentes a respeito de uma situação social específica. Trata-se de uma aproximação entre a estratégia comparativa, que procura estudar comunidades, e a estratégia quantitativa, que busca medir o maior número possível de características da população analisada. Já a pesquisa exploratória aplica-se aos objetos de estudo pouco descritos ou analisados pela literatura já existente. Trata-se, no caso dos métodos quantitativos, de aplicar instrumentos para medição e descrição inicial de determinados comportamentos sociais que até então receberam pouca atenção dos cientistas.

Para tornar as técnicas descritas acima funcionais à pesquisa científica, os pesquisadores utilizam vários métodos de coleta de dados. As mais comuns são as entrevistas, na maioria das vezes com questionários dotados de grande número de perguntas e, quase sempre, com alternativas de respostas pré-estabelecidas. Isso se deve ao fato de que os questionários são aplicados a um grande número de respondentes ou corre-se o risco de perder a representatividade do todo. O exemplo mais comum desse



tipo de técnica de coleta de informações são as chamadas pesquisas de opinião pública, ou, no caso específico do jornalismo, em pesquisas de recepção. Outro método de pesquisa quantitativa é a Análise de Conteúdo, que busca investigar em documentos públicos, tais como discursos, literatura, publicações oficiais, músicas e imprensa, entre outros, indicadores sobre o comportamento, demandas e preferências sociais de determinado grupo humano. Fonseca Júnior explica que segundo a visão de Krippendorff (1990) a análise de conteúdo tem três características principais que são “a orientação fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva”, além da “transcendência das noções normais de conteúdo, envolvendo as idéias de mensagem, canal, comunicação e sistema”, e por último a característica de “metodologia própria, que permite ao investigador programar, comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência de resultados”. (FONSECA JUNIOR, 2005, p. 286). O que para a área de Comunicação, em especial o Jornalismo, tem grande validade pelo fato de auxiliar na análise de frequência em que pessoas, situações, acontecimentos aparecem na mídia e, assim, na possibilidade de comparar o conteúdo publicado ou transmitido com os dados de referência (HERSCOVITZ, 2007). Em todos os casos, independente da técnica de coleta utilizada, a análise quantitativa depende da aplicação de métodos estatísticos para identificação de frequências, correlações, associações e causalidades.

#### **4. Notas conclusivas**

Por fim, a título de breve conclusão sobre o uso dos métodos quantitativos nas pesquisas em jornalismo é preciso ressaltar que o conjunto de técnicas apresentado aqui visa oferecer aos estudos científicos ferramentas para contar e medir textos, atitudes, opiniões e características que podem ser materializadas. Essas medições, quando aplicadas para relacionar um conceito teórico a determinadas ocorrências empíricas, são legítimas representações da realidade, porém, não exclusivas dos cientistas. Outros profissionais também podem produzir representações sociais legítimas. A particularidade aqui está no fato de que os cientistas usam os métodos quantitativos para poder compartilhar as representações de regularidades sociais com outros cientistas, que por sua vez conhecem e utilizam as mesmas ferramentas de pesquisa. O que tem de específico na pesquisa científica a partir de métodos quantitativos – que foi objeto de discussão neste texto – pode ser sumarizada no quadro abaixo:



<b>Finalidades</b>	<b>Técnicas de pesquisa</b>	<b>Coleta de dados</b>	<b>Objeto</b>	<b>Resultados</b>
- Explicar causas; - Identificar o que não explica os fenômenos; - Generalizar resultados; - Transformar conceitos teóricos em variáveis.	- Experimento de Campo; - Pesquisa descritiva; - Pesquisa exploratória;	- Entrevistas; - Análise de conteúdo;	- Produtores (jornalistas e fontes) - Meios (conteúdos em diferentes mídias) - Público (consumo e (re)produção de mensagens).	- Identificar padrões de comportamento e anomalias. - Testar a aplicabilidade de teorias já existentes. - Avançar em novas teorias.

Por mais que os pesquisadores usem adequadamente os métodos de pesquisa de que dispõem para relacionar as finalidades de um estudo específico às teorias e conceitos transmitidos por gerações anteriores de cientistas, toda análise empírica está sujeita a algumas críticas: a primeira delas é que o resultado pode ser considerado trivial; ou seja, apesar do uso de técnicas avançadas, pode-se afirmar o que “todo mundo já sabia”. Outra crítica comum nasce do fato de que os resultados de determinado estudo podem ser questionados pela citação de casos contraditórios.

De qualquer maneira, os métodos quantitativos podem servir como antídoto, ainda que parcial, para críticas às pesquisas. Em relação à primeira, é possível que todos (inclusive os ensaístas) já tivessem uma impressão sobre a forma como ocorrem os fenômenos, porém, sem a medição estatística e o estabelecimento de relações causais significativas não se pode ter precisão a respeito da dinâmica das relações sociais. A existência de casos contraditórios não reduz a validade da ciência, pelo contrário, a medição quantitativa parte do princípio de que nem toda a heterogeneidade social poderá ser tratada em um único estudo. E, se considerarmos que o objeto das ciências sociais se encontra em permanente transformação, nem mesmo com um grande conjunto de estudos científicos será capaz de dar conta de toda a diversidade. Por fim, o uso de métodos quantitativos permite uma significativa redução da intervenção direta do pesquisador no seu objeto de estudo por estar tratando de grandes populações através de um número significativo de variáveis e sobre características já conhecidas.

## **5. Referências Bibliográficas**

- BABBIE, Earl. Métodos de Pesquisas de Survey. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.
- BISQUERRA, Rafael; SARRIERA, Jorge Castellá e MARTÍNEZ, Francesc. Introdução à estatística: enfoque informático com o pacote estatístico SPSS. Porto Alegre: Artmed, 2004.



CONDE, Maria Rosa B e ROMÁN José A. *Investigar em comunicación: guía práctica de métodos y técnicas de investigación social em comunicación*. Mc Graw Hill: Madrid – Espanha, 2005.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs). *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

GALERA, Maria Carmem García e Conde, Maria Rosa Berganza (coord). *Investigar em comunicación: guía práctica de métodos y técnicas de investigación social em comunicación*. Mc Graw Hill: Madrid – Espanha, 2005.

HERZCOVITZ, Heloiza G. Análise de conteúdo em jornalismo. In LAGO, Claudia e BENETTI, Marcia. *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Ed. Vozes: Petrópolis – RJ, 2007.

LAKATOS, Imre. *La Metodología de los Programas de Investigación Científica*. Editora Alianza Universidad: Madrid – Espanha, 1989.

MAHONEY, James & GOERTZ, Gary. *A Tale of Two Cultures: Contrasting Quantitative and Qualitative Research*. *Political Analysis Review*, nº 14. 2006. p. 227 a 249.

RAGIN, Charles C. *Constructing Social Research: the unit and diversity of method*. Pine Forge Press: Thousand Oaks, 1994.

ROSENBERG, Morris. *A Lógica da Análise do Levantamento de Dados*. Editora Cultrix: São Paulo – SP, 1971.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. Ed. Cortez: São Paulo – SP, 2001.

\_\_\_\_\_. *Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa*. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, vol. 2, nº 1, 1º semestre de 2005, p. 13 a 22.